



## A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES DE GÊNERO NA INFÂNCIA: REPRESENTAÇÕES DE CORPOS INFANTIS NOS VIDEOCLIPES DE MCS MIRINS NO YOUTUBE

Rita de Cássia de Medeiros Rodriguez<sup>1</sup>  
Dinah Quesada Beck<sup>2</sup>

### Resumo

Objetiva-se problematizar a produção das identidades de gênero na infância a partir de representações de corpos infantis nos vídeos do MC mirim - MC Vilãozinho, postados *Youtube*. Em uma perspectiva pós-estruturalista, o estudo funda-se nos Estudos Culturais e Estudos de Gênero, valendo-se do conceito de pedagogia cultural para compreender como os corpos infantis são representados no artefato em questão. Sendo uma pesquisa qualitativa, sob uma análise cultural, busca-se discutir os significados, as marcas e os efeitos das representações na produção de identidades infantis. A metodologia eleita é a Etnografia Digital. A análise inicial aponta que nos vídeos estudados muitos elementos da cultura ocidental contemporânea invadem a cena, materializando-se nos corpos infantis.

**Palavras-chave:** Identidades de gênero, corpos infantis, vídeos no youtube.

### Breve contextualização

Desde o final do século XIX e ao longo do século XX, transcorre um período de profundas mudanças, caracterizando uma crise, um abalo profundo nas formas de entender, explicar e conceber o mundo em que vivemos (COSTA, 2007, p. 145).


Vivemos tempos de cruciais transformações culturais, sociais, políticas e econômicas que caracterizam a chamada *crise* da sociedade ocidental contemporânea. Tal *crise* se refere às mudanças de paradigmas criados e disseminados na modernidade e tidos como inquestionáveis verdades. Neste panorama, as modificações abalam e configuram as concepções de mundo, de educação, a subjetivação dos sujeitos, o disciplinamento dos corpos e o controle da sexualidade. Dentre os fatores que geraram tal crise, destaca-se a transmutação do conceito de cultura e o advento das tecnologias digitais.

A pós-modernidade compreende os tempos em que se põe em xeque supostas verdades absolutas e a supremacia cultural. O conceito de cultura toma outros sentidos e, a partir daí, o mesmo se alarga, passando a compreender também as questões referentes ao gosto do povo,

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/FURG). Professora dos anos iniciais do ensino fundamental nas redes municipal e estadual (RS). E-mail: ritacmrodriguez@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora do Instituto de Educação (IE) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: dinahqbeck@gmail.com





às práticas populares e às condutas das multidões. Assim, os Estudos Culturais têm inspirado reflexões sobre educação e cultura. Segundo Costa; Silveira; Sommer (2003, p. 38), eles [...] “investem nas discussões sobre cultura, colocando a ênfase no seu significado político”.

Outro fator característico da sociedade ocidental é a propagação da internet. Para Thompson (1998):

Os tempos contemporâneos sofrem intensas transformações, seja pela expansão das redes de comunicação ou pelo fluxo de informações que nelas perpassam. O fato é que essas transformações mudam a organização espacial e temporal da vida em sociedade, além de criar novas formas de ação e interação.

O advento da internet transformou as relações do sujeito com ele mesmo, com os outros e com o mundo. A sociedade capitalista globalizada, representada por corporações empresariais, para atender aos seus próprios interesses, lança mão de uma publicidade muito perspicaz, impondo padrões e moldando identidades. Somos interpelados pelos discursos dos mais distintos artefatos culturais (músicas, imagens, videoclipes, textos, internet, *youtube*, facebook, revistas, televisão, produtos e propagandas). Estes, com seus currículos culturais repletos de representações, produzem e disseminam suas pedagogias de modo legitimado, condicionando nossas vidas, nossos desejos e percepções. Giroux (2003, p. 128) afirma que:

[...] a cultura, particularmente a cultura da mídia, tornou-se uma força educacional substancial, senão a principal, na regulação de significados, de valores e de gostos, que estabelecem as normas e as convenções que oferecem e legitimam determinadas posições de sujeito.

Discursos produzidos e distribuídos tornam-se regimes de verdade na sociedade em que vivemos. As representações presentes nos artefatos culturais subjetivam sujeitos, disciplinam corpos, controlam a sexualidade e, de forma naturalizada, ensinam modos de ser e conceber o mundo. Sob a perspectiva pós-crítica, este estudo se vale do conceito de pedagogia cultural para problematizar a produção das identidades de gênero na infância a partir de representações de corpos infantis em videoclipes de MCs mirins compartilhados no *Youtube*.<sup>3</sup>

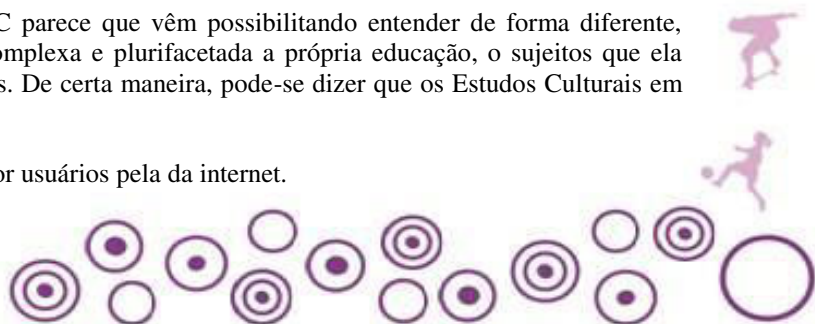
### **Perspectivas e aportes teóricos**


Considerando a vasta diversidade cultural, social, política e econômica, a fim de fazer uma análise cultural, com abordagem pós-estruturalista, o trabalho se fundamenta nas contribuições que os Estudos Culturais trazem à educação. Caracterizando-se por apresentar caráter político e histórico, conforme Costa; Silveira; Sommer (2003, p. 54):

[...] as lentes dos EC parece que vêm possibilitando entender de forma diferente, mais ampla, mais complexa e plurifacetada a própria educação, o sujeitos que ela envolve, as fronteiras. De certa maneira, pode-se dizer que os Estudos Culturais em

---

<sup>3</sup> Site de compartilhamento de vídeos enviados por usuários pela da internet.





Educação constituem uma ressignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como a cultura, identidade, discurso e representação passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica.

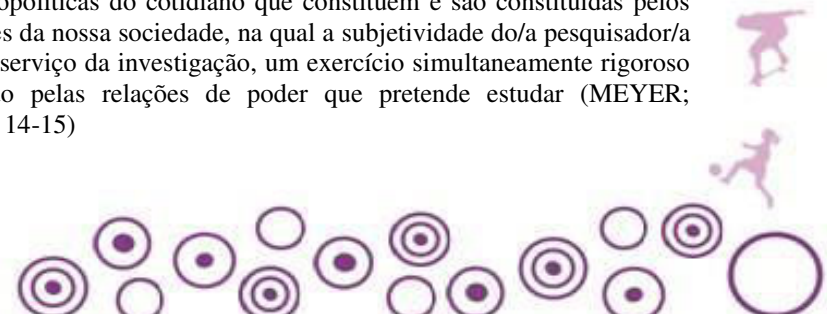
Com a ampliação dos espaços de produção de conhecimento, pode-se compreender os videoclipes enquanto instâncias culturais que operam como mecanismos de produção de discursos e de proliferação de representações que ensinam modos de ser criança e de ser menina/menino. Assim, a pesquisa utiliza-se do fértil conceito de pedagogia cultural para compreender os significados, as marcas e os efeitos destes na subjetivação de crianças, no disciplinamento de corpos infantis, na vigilância da sexualidade e na produção das identidades de gênero da infância contemporânea ocidental. Segundo Steinberg (1997, p. 101), “o termo pedagogia cultural refere-se à ideia de que a educação ocorre numa variedade de locais sociais, incluindo a escola, mas não se limitando a ela”.


O aporte teórico também vem do campo dos Estudos de Gênero, que têm problematizado alguns tensionamentos sobre a fabricação de identidades de gênero dos sujeitos pós-modernos. Na contemporaneidade, caracterizadas por serem multifacetadas, as identidades são socialmente construídas e não se encerram sob a ótica biológica. Visto que as relações de gênero são amplas e complexas, parte-se dos questionamentos sobre as relações de poder entre os sujeitos. Nesta medida, indaga-se sobre o que é inscrito como feminino/masculino, bem como sobre o binarismo presente nas relações de gênero.

Entende-se que *infância* é uma construção sócio-histórica e não apenas uma entidade biológica. Steinberg (1997, p. 98) afirma que “a explosão de informação tão característica de nossa era tem tido um papel central no abalo das noções tradicionais de infância.” Na Idade Média não se compreendia *infância* enquanto grupo geracional com características próprias e as crianças não eram tidas como seres humanos que demandam tratamento especial. De acordo com a autora, “protegidas dos perigos do mundo adulto, as crianças, durante este período, foram afastadas das fábricas e colocadas nas escolas”. Toma-se *infância* enquanto uma peculiar categoria geracional composta por atores sociais e criança como um sujeito de direitos que se constitui a partir da interação na e pela cultura.

## Metodologia e discussões

É assim que a pesquisa qualitativa pós-crítica pode explicar sua relevância: como uma abordagem teórico-metodológica flexível, inserida em contextos específicos que falam das micropolíticas do cotidiano que constituem e são constituídas pelos discursos dominantes da nossa sociedade, na qual a subjetividade do/a pesquisador/a é uma ferramenta a serviço da investigação, um exercício simultaneamente rigoroso e político permeado pelas relações de poder que pretende estudar (MEYER; PARAISO, 2014, p. 14-15)





Sendo esta uma pesquisa qualitativa, elegeu-se a Etnografia Digital por se tratar de uma metodologia para ambiente virtual que se vincula aos contextos em que é empregada, na qual ocorre observação científica dos espaços digitais. Em seus estudos sobre métodos de pesquisa para internet, Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 173) apontam que para Cristine Hine:

[...] a etnografia virtual deve ser compreendida em seu caráter qualitativo em que a análise da internet pode ser observada sob duas óticas em seus efeitos: como cultura e como artefato cultural.


Nas perspectivas propostas por Cristine Hine, a primeira enfatiza o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem em comunidades e/ou mundos virtuais. Já a outra, observa a implantação das tecnologias na vida cotidiana. Logo, de acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 42):

Assim, favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior, entre outras coisas, pela integração dos âmbitos online e offline. A ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes significados culturais em diferentes contextos de uso. O objeto internet não é único, mas sim multifacetado e passível de apropriações. “Tanto a sua produção quanto o seu consumo são dispersos entre múltiplos locais, instituições e indivíduos” (HINE, 2000, p. 28).

“A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos” (LOURO, 1997), e para tal, escolheu-se como objeto de análise o videoclipe protagonizado por MC Vilãozinho, o qual se refere à música *Tapa na bunda dela*, também conhecida por *Senta com a pepeka*. No ciberespaço denominado *Youtube*, foi possível perceber que há diversos videoclipes sobre a referida música, mas elegeu-se o que apresentava áudio e imagens em movimento.

No videoclipe o menino aparece em pé, gesticulando, dançando, cantando e fazendo poses que, supostamente, remetem à ideia de virilidade. Ele veste camisetas, bermudas e usa longos cordões no pescoço, sugerindo um perfil de masculinidade fortemente vinculado à heterossexualidade. Duas jovens também compõem a cena, elas aparentam ter mais idade do que o cantor e vestem roupas curtas e justas, evidenciando corpos semi nus. Dançam sensualizando, mexem os quadris e rebolam, erotizando seus corpos. Há diferentes cenários, sendo um deles um estúdio de gravação. Em outro, ao fundo, há um automóvel, que dá a impressão de que para ser bem-sucedido é preciso ter este bem de consumo, que simboliza poder e novamente remete a uma masculinidade compulsória. Em meio às cenas, aparece a propaganda da produtora, que tenta naturalizar e validar as condutas presentes no videoclipe como sendo atividades sociais positivas e desejáveis. Em algumas cenas, posicionado atrás





das jovens, o funkeiro aparenta dar tapas nas nádegas das dançarinas. Esta cena reforça os estereótipos de masculinidade (associada a características como ser forte, viril, agressivo, dominador) e de feminilidade (condicionada a atributos como fragilidade, docilidade, passividade submissão). Há múltiplas formas de masculinidades e feminilidades e não apenas um único padrão normativo.

Destarte, para concluir, deixo para reflexão o excerto a seguir:

"Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de diferentes classes, raças, religiões, idades, etc, e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos perturbando a noção simplista e reduzida de homem dominante e mulher dominada" (LOURO, 1997).

### Considerações

O videoclipe analisado explicita “características sociais supostamente desejáveis e oferece posições de sujeito [...]” para que meninas/meninos possam se identificar (KELLNER, 2012, p. 112). Ele exhibe discursos e representações que conotam mensagens e sugerem vínculos entre, por exemplo, identidade e consumo, masculinidade e agressividade, feminilidade e esbelteza. Elementos da cultura se materializam nos corpos e condutas apresentadas, tais como: erotização, sexualidade, adultização, servidão, consumismo, autossatisfação, prestígio social, fama, estilo, poder, nudez, linguagem.


Com fins meramente comerciais e sob pretexto de promover entretenimento, a indústria cultural é persuasiva e cria estratégias para que os sujeitos não apenas consumam produtos, mas criem conexões com eles. Percebe-se que ‘corpos espetáculos’ além de desejáveis são lucrativos e que binarismos de gênero ditam modos de ser menina/menino. Logo, pode-se dizer que as imagens narrativas expressam mensagens que pretendem, através de associações, fazer com que os sujeitos se identifiquem com os discursos que vendem estilos de vida e vendem relações de gênero validadas pela mídia digital em suas mais variadas instâncias.

### Referências

- COSTA, Marisa Vorraber. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: **Caminhos investigativos II: outros modos de fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro, Lamparina ed., 2007, p.139-157.
- COSTA, Vorraber; SILVEIRA, rosa Maria Ressel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, São Paulo, n. 23, p. 36-61, 2003.







GIROUX, Henry. **Atos impuros.** A prática política dos Estudos Culturais. Porto Alegre: HINE, Christine. Virtual Ethnography. London: Sage, 2000. Artmed, 2003. P. 127-147.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar E.; PARAISO, Marlucy (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

STEINBERG, Shirley. **Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações.** In: SILVA, Luis H. da; AZEVEDO, José C. de; SANTOS, Edmilson S. dos (Orgs). Identidade social e a construção do conhecimento. Porto Alegre: SMED, 1997, p. 98-145.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

